



CINEMATECA PORTUGUESA - MUSEU DO CINEMA

**Cinemateca Júnior**

Palácio Foz – Praça dos Restauradores

# Fly Away Home / 1996

(*Voando para Casa*)

um filme de **Carroll Ballard**

**Realização:** Carrol Ballard / **Argumento:** Bill Lishman (autobiografia), Robert Rodat, Vince McKewin / **Música Original:** Mark Isham / **Diretor de Fotografia:** Caleb Deschanel / **Montagem:** Nicholas C. Smith / **Produtores:** Carol Baum, John M. Eckert, Sandy Gallin, Stephen Price, John Veitch / **Atores:** Jeff Daniels, Anna Paquin, Dana Delany / **Produção:** John M. Eckert / **Cópia:** 35mm legendada em português / **Duração:** 107 min / **Estreia Mundial:** 5 de Setembro de 1996, Canadá / **Estreia em Portugal:** 29 de agosto de 1997.



É quando a adversidade se manifesta que se descobre a verdadeira determinação e a força interior um ser humano. A coragem, como diziam muitos escritores, dá-nos asas para voar. Mais que um filme sobre a beleza irresistível da natureza, **Fly Away Home**, de Carroll Ballard, conduz-nos para novos começos e novas coragens, onde a sintonia com o mundo natural é acompanhada pelos infelizes e inevitáveis contratempos resultantes do desenvolvimento da vida urbana.

A jovem atriz Anna Paquin, que já em 1993 ganharia um Oscar pelo seu papel em **The Piano** (O Piano), de Jane Campion, interpreta a pequena Amy que, com 13 anos, encontra-se na circunstância dolorosa da morte da sua mãe num acidente de carro. Ao recuperar deste trágico acidente, muda-se da Nova Zelândia para as colinas campestres do Canadá, para viver com o seu pai, Thomas (Jeff Daniels), um inventor excêntrico.

Embora a paz bucólica da natureza seja sempre bem-vinda nos momentos difíceis, Amy cedo descobrirá que as paisagens idílicas dos bosques canadenses não estão isentas do impulso destruidor do progresso urbano. Certa manhã, é acordada com o derrubar de árvores e uma escavadora que abre caminho para uma nova empreitada. No rescaldo desta destruição, entre troncos e ramos partidos, encontra um ninho de ovos de ganso e decide protegê-los, evitando que fiquem ao mero destino do abandono, acolhendo-os com cuidado. Ao eclodirem, sendo ela o primeiro contacto destas pequenas crias, é “adotada” como a “Mãe Ganso”, sem ainda imaginar todas as novas responsabilidades que dali resultam. Pois este momento inicial do filme que hoje apresentamos, irá elevar Amy para horizontes que se multiplicam em vários aspetos. Neste filme de Carroll Ballard, destaca-se o trabalho de fotografia de Caleb Deschanel. As imagens aéreas de **Fly Away Home** evocam a inspiração poética de um planeta assombrosamente belo e delicado, mas igualmente frágil e desprotegido. Esta beleza natural encontra-se em constante dissonância com o lucro desmedido e o desenvolvimento urbano. Dos esforços de Amy e a sua família depende a preservação de uma reserva de aves, ameaçada pelos planos de um empreiteiro. Durante o filme, torna-se evidente o contraste entre as imagens planantes dos rios, autênticas aquarelas pintadas pelo entardecer, e a bruma opaca que encobre o labirinto urbano e retilíneo dos arranha-céus de Baltimore. Mais ainda, os horizontes de Amy elevam-se além das questões de fundo aqui presentes, com a importância fundamental da ecologia e da proteção ambiental, pois **Fly Away Home** é também uma viagem interior. Intrincados são os mapas de uma adolescente que cresce entre o passado, o presente e o futuro, numa aventura emotiva que procura também o rumo a casa, uma ligação genuína entre pai e filha. A distância inicial entre Thomas e Amy é percorrida simultaneamente ao longo de toda esta proeza voadora, no percurso da ausência até à presença: "ela está mesmo ao teu lado. Ela está nos gansos, ela está no céu. Ela está à tua volta. Ela não te vai desiludir". Sobreviver a uma perda é um processo de crescimento e conhecimento, onde se descobrem forças nos momentos mais cruciais, precisamente quando tudo parece perdido.

E da ausência renasce a presença, pois a serenidade de Amy com os seus pequenos gansos transporta-nos ao sentimento intemporal de maternidade, a esse instinto primordial, tão bem ilustrado no crescimento das aves, na graciosidade do voo e na cumplicidade especial de Amy com a própria natureza. **Fly Away Home** surge também num momento crucial para o ativismo de defesa dos animais e da natureza (e hoje ainda mais relevante) recordando-nos que o contacto com o mundo natural é reminiscente de um bom livro, ou um filme memorável, onde encontramos todo um conjunto de lições de sabedoria e serenidade. Longe da cidade, é possível encontrar nestas colinas, sob o sol da uma manhã, um autêntico ensaio sobre a importância e a beleza da vida quotidiana, tal como um pôr-do-sol sobre o horizonte confere dignidade e legitimidade aos nossos pensamentos e estado de espírito. O murmúrio da água à beira-rio convida-nos a uma contemplação calma, assim como o céu estrelado da noite nos faz pausar e respirar fundo, acalmando os nossos medos e ansiedades, como se fôssemos recordados da nossa pequeníssima presença no universo e profunda insignificância no esquema mais amplo das coisas. E no entanto, não é, de todo, insignificante a nossa presença enquanto espectadores de **Fly Away Home**, ora não fôssemos também guiados na direção de todas estas coisas que nos aproximam, onde o mais pequeno gesto, como o de Amy, tem um impacto valioso e duradouro. Conduzimos e somos conduzidos para um sítio onde podemos descobrir quem realmente somos, um sítio que se aproxima, cada vez mais, de casa.

MIGUEL AMARO